

ALTO RISCO

SUPLEMENTO DO JORNAL ALTO RISCO
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE BOMBEIROS PROFISSIONAIS
(instituição de utilidade pública)

N.º48 | 6ª Série | Março 2014



Secretário de Estado da Administração Interna João Pinho de Almeida em Entrevista

Presidente da Câmara
de Santarém quer passar
Bombeiros Municipais a
Sapadores



Há uma casa
que abre
portas
à esperança.

Uma casa onde cabe a ação social, saúde, educação, voluntariado, cultura e património, investigação, empreendedorismo e jogos sociais. Uma casa onde cabe um passado com 5 séculos de obra e um presente cheio de esperança, que nos inspira para o futuro. Uma casa das Boas Causas.

SANTA
CASA

Associação de Utilizadores, Beneficiários e Amigos

Licenciatura em
Segurança Comunitária

Pós-graduação em
Proteção Civil

Mestrado em
Higiene e
Segurança Ocupacionais

6

Entrevista

João Pinho de Almeida
Secretário de Estado da
Administração Interna



16

Reportagem

Força Aérea



12

Entrevista

Ricardo Gonçalves
Presidente da Câmara
Municipal de Santarém



32

Simulacro

Santa Casa da
Mesiricórdia



Fernando Curto

Presidente da Associação Nacional
de Bombeiros Profissionais

XI Gala

A Associação Nacional de Bombeiros Profissionais prepara-se para apresentar a Gala dos Bombeiros Portugueses, no Cinema São Jorge, em Lisboa. A Gala é, por excelência, um espaço de homenagem a todos os bombeiros, profissionais ou voluntários, que trabalham nas corporações de todo o país. Há sempre uma homenagem especial a todos os bombeiros que perderam a vida em serviço. Na gala de dia 24 de Maio, vamos lembrar os oito bombeiros que fizeram de 2013 um ano negro, no balanço de vítimas da época de fogos florestais.

Por falar em fogos, a fase crítica está a chegar.... Nesta edição, o Secretário de Estado João Almeida, que dá a primeira entrevista ao Alto Risco desde a tomada de posse, confessa que espera pelo teste da época de fogos, para perceber melhor o que está em causa no sector dos bombeiros e protecção civil. João Almeida também refere que o governo está a trabalhar para melhorar a legislação de prevenção dos fogos, nomeadamente no que

diz respeito à limpeza dos terrenos. Mas também é de sublinhar que o secretário de estado defende os corpos de bombeiros especializados e profissionais.

Em Santarém, a autarquia assume os bombeiros como prioridade. O autarca Ricardo Gonçalves garante que no município onde há uma corporação municipal e três corporações voluntárias, os cidadãos podem ficar tranquilos quanto à sua segurança e dos seus bens. A formação dos bombeiros, a par das viaturas e do quartel são questões estratégicas para o presidente da Câmara de Santarém, que equaciona o melhor aproveitamento do próximo quadro comunitário de apoio.

Estão, entretanto, a surgir projectos que ajudam o trabalho dos bombeiros. Nesta edição apresentamos a TIMAP, uma plataforma online que reúne os planos de segurança dos edifícios. Toda a informação com um simples click.

E porque falamos da web, recordamos que o jornal e a revista Alto Risco (assim como toda a informação relativa à actividade da ANBP e SNBP) estão disponíveis no site www.anbp.pt.

Diretor
Filomena Barros

Diretor-Adjunto
Sérgio Carvalho

Redação
Cátia Godinho
Miguel Marques

Grafismo
João Botas Gonçalves

Paginação
João Botas Gonçalves

Fotografia
Gab. Aud. ANBP

Publicidade
Paulo Bandarra

Propriedade
Associação Nacional
de Bombeiros
Profissionais
Av. D. Carlos I, 89, r/c
1200 Lisboa
Tel.: 21 394 20 80

Tiragem
20 000 exemplares

Registo n.117 011
Dep. Legal n. 68
848/93

Impressão
MX3

Perfil

João Pinho de Almeida
Secretário de Estado da
Administração Interna

João Pinho de Almeida nasceu em 1976. É jurista. Deputado eleito à Assembleia da República, pelo círculo eleitoral do Porto. Foi Deputado à Assembleia da República nas IX, X e XI Legislaturas (de 2002 a 2005 e de 2009 a 2011). É membro do Conselho Diretivo do IDL, Instituto Amaro da Costa. Foi membro do Conselho Nacional de Educação e do Conselho Geral da EGEAC, EM.

“A existência de corpos especializados e profissionalizados é importante”

(Por Cátia Godinho)



C

omo encarou os resultados do relatório entregue pelo Professor Xavier Veigas? Quando vai ser conhecida a segunda parte do documento?

Assumi os relatórios como forma de ir buscar aquelas alterações que se podem fazer e que teremos que intro-

“Estamos também a trabalhar ao nível dos meios aéreos para reforça-los e também ao nível da substituição das viaturas”

duzir em 2014 no sentido de melhorar a capacidade de resposta e melhorarmos as condições de segurança. É por isso que ao nível da formação, dos meios e estrutura de comandos estamos a trabalhar

Que medidas adicionais deverão ser tomadas?

Prevenção, no sentido de rever o sistema de aplicação de coimas ao

incumprimento em matéria de limpeza florestal. A lei existe e não é nas disposições legais que estão as insuficiências, mas é de muito difícil aplicação. Estamos a alterar, juntamente com a Secretaria de Estado das Florestas, no sentido do próprio MAI assumir responsabilidades na instrução desses processos para que ao nível de limpeza, os diversos agentes responsáveis, públicos e privados, tenham a responsabilidade de o fazerem e se não o fizerem tenham as consequências.

Ao nível dos meios, está já em andamento um primeiro concurso para Equipamentos de Proteção Individual para podermos melhorar ao nível dos EPI. Questões concretas como as botas para podermos proporcionar às corporações de bombeiros o melhor equipamento. Faremos depois um segundo concurso com mais equi-



pamentos de proteção individual, pelo que está aqui um grande investimento. Um grande investimento também em SIRESP seja de terminais seja de rádios. Vai haver alargamento de distribuição de número de rádios e da capacidade de operá-los no terreno, ao nível da estrutura, identificando falhas no próprio sistema para ser trabalhado. O secretário de estado adjunto está a fazer com que o sistema possa oferecer melhor resposta, pelo que trabalhamos na dupla valência de melhorar a resposta no sistema mas também de melhorar o número de rádios disponíveis para a utilização das corporações. Estamos também a trabalhar ao nível dos meios aéreos para reforça-los e também ao nível da substituição das viaturas. Estamos, portanto, a intervir de forma transversal neste trabalho que envolve as estruturas representativas dos bombeiros, a Autoridade Nacional de

“Nenhum nível de prevenção evita todos os incêndios e torna dispensável o combate e nenhum combate é eficiente sem uma boa prevenção”

Proteção Civil, a Empresa de Meios Aéreos (onde estamos a fazer uma alteração muito significativa através da extinção da EMA, já em curso, com a nomeação da Comissão liquidatária) e estamos a trabalhar para que isso corra ao mesmo tempo que se melhora a capacidade operacional dos meios aéreos próprios do Estado português e também se aumente

a resposta dos meios locados para a próxima época.

Falou também das comunicações que foi um dos pontos que falhou no ano passado nos incêndios e no episódio do furacão que atingiu a zona Oeste. Recentemente foi feito um trabalho jornalístico sobre as falhas e custos do SIRESP. Como tenciona contornar esta situação?

Isso é do ponto de vista do secretário de estado adjunto e do funcionamento do contrato SIRESP. Eu aqui tenho essencialmente a tutela da parte operacional. O sistema SIRESP não foi escolhido por nós. Existe, está contratualizado.

O que interessa aqui é tornar o mais operacional possível o sistema já existente.

Estamos atentos, aumentando a eficiência do sistema SIRESP e analisando a possibilidade de manter redundâncias com outros sistemas que evitem haver falhas totais ao nível de comunicações. E que permitam de alguma forma sistemas alternativos. Haver redundâncias ao nível das comunicações não é uma necessidade específica desta situação. Todos os sistemas de comunicação são falíveis. Procura-se que sejam o menos possível. Mas nós podermos aproveitar alguma redundância é, neste momento, uma vantagem.

Vai haver uma maior intervenção do governo no que diz respeito à formação ministrada pela Escola Nacional de Bombeiros. Houve necessidade de reestruturar a formação, devido a falhas ao nível de chefias, operacionais e comandos?

A Assembleia Geral da ENB aprovou o novo plano de formação que foi trabalhado connosco e que recebeu os contributos não só da análise dos relatórios da época de incêndios do ano passado mas também do diálogo com as outras estruturas representativas dos bombeiros, naturalmente da Liga de Bombeiros Portugueses e da Autoridade Nacional de Proteção Civil, já que são sócios da Escola Nacional de Bombeiros, e que participam da Assembleia Geral.



“Não há nenhuma preparação que substitua viver uma fase Charlie, saber como na prática tudo isto funciona” .

A tutela envolveu-se acolhendo todos os contributos que vão dar a resposta de melhoria de formação ao nível dos comandos, aproximação da formação dos corpos de bombeiros, reestruturação de alguns dos planos de formação, investimento no e-learning e b-learning para que possa haver uma componente à distância que permita um aproximar a formação desses bombeiros.

Acompanhou as audições às várias entidades no Grupo de Trabalho para os incêndios Florestais?

Nós fazemos um acompanhamento das sessões, temos toda a disponibilidade para falar com a Assembleia da República, o meu antecessor esteve lá no quadro deste grupo de trabalho. Está a funcionar de uma forma muito positiva e construtiva, sem que as questões político-partidárias

se sobreponham às questões de interesse geral e vemos da melhor forma este contributo do parlamento e todas as entidades têm estado dispostas a colaborar com o parlamento e estamos muito disponíveis para no final acolhermos estas conclusões. Um órgão de soberania como o parlamento pode desempenhar um trabalho muito positivo e que merece a nossa atenção, cooperação e disponibilidade para acolher aquelas que venham a ser as conclusões.

Na sua intervenção no Grupo de Trabalho para os Incêndios Florestais o seu antecessor defendeu a necessidade de apostar no ataque ampliado, à semelhança do que se fez com o ataque inicial. Isto é possível a médio/curto prazo?

É desejável e temos que trabalhar para isso. Quando um Secretário de

Estado assume essa responsabilidade e esse desafio, tem que partilhá-lo de uma forma mais alargada. Nós temos que ter capacidade de resposta ao nível nacional para conseguir mobilizar o país para algo que tem que ser mais do que uma angústia e um sofrimento durante a época mais crítica. Todos nós sabemos que nessa altura o país sofre muito. Emocionou-se e comoveu-se com a morte de bombeiros. Mas não chega comovermo-nos. Temos que nos mobilizar para as evitar. Nós aqui trabalhamos todo o ano, sabemos que todos aqueles com quem lidamos também trabalham o ano todo para isso, mas seria importante que todo o país se envolvesse como um desígnio e tivesse a capacidade de evitar estas consequências drásticas como um desígnio nacional e para isso é muito importante o envolvimento do parlamento. Isso faz alargar a



todo o espectro político para que seja um compromisso verdadeiramente abrangente.

Isso remete-nos para a prevenção estruturada que tem vindo a defender?

Temos que ter consciência que nenhum nível de prevenção evita todos os incêndios e torna dispensável o combate e nenhum combate é eficiente sem uma boa prevenção. Nenhuma prevenção consegue evitar incêndio e nenhum combate sem uma boa prevenção consegue extinguir um incêndio. Algum trabalho tem que ser feito em cooperação; outro é necessário fazer noutras áreas e temos a expectativa que ao nível das florestas e agricultura também haja esse investimento na prevenção.

Da parte do MAI estamos disponíveis para cooperar e o que posso dizer é que tem havido uma cooperação muito positiva com o Ministério

da Agricultura e designadamente com a Secretaria de Estado do Desenvolvimento e das Florestas.

No âmbito do ataque inicial a Força Especial de Bombeiros tem vindo a mostrar-se uma força válida. Está prevista uma maior aposta na FEB? Como avalla o trabalho que têm vindo a desempenhar?

A existência de corpos especializados e profissionalizados é importante. Indiscutivelmente. Fazendo uma avaliação positiva, coloca-se a questão de alargar ou não alargar. Essa é uma questão que tem sido discutida internamente. É muito difícil de discutir até no quadro atual, com as restrições que tem. Tendo assumido funções neste momento a minha prioridade é, com a estrutura existente, trabalhar para que esta dê a melhor resposta possível. Estou muito concentrado na preparação do dispositivo para 2014 e

será preparado com base nos recursos que temos e com a organização estrutural que temos. E assumindo funções no final de dezembro não fazia sentido que eu tivesse como prioridade essas análises estruturais e não priorizasse a capacidade de resposta operacional em 2014.

Mais à frente poderá ser matéria para uma análise mais profunda. Há questões de implementação territorial que são relevantes e que vão ser analisadas. Neste momento a minha prioridade é dar capacidade operacional aos recursos que temos neste momento.

Considera que no futuro deve haver uma maior profissionalização do sector?

Seria muito arrojado da minha parte, sem ter tido a responsabilidade de uma época de incêndios, estar agora a dizer como se resolve aquilo que durante anos têm sido matérias

amplamente discutidas e debatidas. Os políticos devem ter a prudência de não ter a resposta imediata para tudo. Conheço, é uma matéria que merece a minha preocupação e reflexão, mas seria uma irresponsabilidade neste momento dizer como se resolve, principalmente não tendo tido a experiência prática. Não há nenhuma preparação que substitua viver uma fase Charlie, saber como na prática tudo isto funciona.

Os recentes cortes efetuados a nível nacional em vários setores têm afetados os bombeiros profissionais, dependentes das autarquias. Está prevista alguma revisão ao financiamento das autarquias com bombeiros profissionais?

Já tive oportunidade de receber a estrutura representativa dos bombeiros profissionais mas a tutela de vínculo com as autarquias é da Secretaria de Estado da Administração Local, a nossa tutela aqui é operacional. Naturalmente que o nosso interesse é que haja condições para que os bombeiros profissionais desenvolvam a sua atividade sem sofrerem as consequências de algumas restrições que acontecem neste momento. Temos a convicção que é também essa a visão a secretaria de estado da administração local.

Nós estamos sensíveis a todos esses problemas, conhecemo-los e faremos um acompanhamento. Temos muito gosto em ter a tutela dos bombeiros profissionais e muito empenho em trabalhar para sermos uma plataforma de diálogo em defesa daquilo que são algumas das reivindicações dos bombeiros profissionais que nos parecem legítimas e que estamos dispostos a trabalhar com as autarquias e secretaria de estado da Administração local no sentido de as promover.

Vai haver algum reforço de investimento? Este ano estão já acautelados os meios aéreos necessários para o combate aos incêndios? (recorde-se que no ano passado ficaram disponíveis tardiamente e alguns apresentaram avarias)

Estamos neste momento a trabalhar para termos uma melhor resposta



ao nível dos meios aéreos próprios e de alargarmos os meios o nível dos meios locados. Em relação aos meios próprios que estão na EMA há uma prioridade muito grande em termos de capacidade operacional superior à que tivemos em 2013.

Vai haver um maior investimento no DECIF deste ano?

Vai haver uma maior capacidade de resposta. Pode implicar um maior investimento.

O que gostaria de deixar feito neste sector?

Gostava de deixar uma maior capacidade formativa dos bombeiros, maior hipótese de conciliação do voluntariado com os bombeiros profissionais em todas as suas vertentes e do voluntariado com a atividade extra bombeiros dos bombeiros. Se conseguíssemos isso contribuiríamos para proteger mais os bombeiros, para

dignificar o seu exercício de uma missão que é única, para termos uma paz no sector, para termos uma sã convivência entre as diferentes estruturas e qualquer um dos meus antecessores trabalhou para isso.

Quando falo em sã convivência tem a ver com a organização estrutural e compatibilização de diversos regimes que existem. É a nossa especificidade, sabemos que noutros países não é assim, mas devemos valorizar a nossa especificidade se ela funcionar.

A questão da formação preocupa-me muito. O Estado deve trabalhar ao máximo para que quem vai para o terreno em circunstâncias tão difíceis vá muito bem formado sabendo os riscos que corre e como os evitar, como se comportar em situações limite tendo o equipamento adequado. Devemos fazer tudo isto sem estarmos a reclamar mérito de mais para isso, porque é claramente a nossa obrigação.

“O município de Santarém não vai descurar situações como a dos bombeiros”

(Por Cátia Godinho)

Perfil
Ricardo Gonçalves é licenciado em Economia, com pós-graduação em direito das autarquias locais. Tem 39 anos.

Ricardo Gonçalves é presidente da Câmara Municipal de Santarém há cerca de ano e meio, mas conhece bem os desafios que a autarquia acarreta. Fez parte do executivo anterior enquanto vereador, mas falou ao Alto Risco enquanto responsável máximo pela autarquia e pelo pelouro da proteção civil.

Q

ue desafios é que encontrou na Câmara Municipal de Santarém?

Eu já estou no município há seis anos enquanto vereador e há ano e meio enquanto presidente da Câmara. São desafios transformar a cidade de Santarém numa cidade mais moderna e atrativa e conseguir prepará-la para os novos objetivos, nomeadamente para o aproveitamento do próximo quadro comunitário de apoio que começa este ano.

Que objetivos é que traçou para este mandato?

O concelho de Santarém tem que ser perspectivado em três eixos: trabalhar, viver e visitar. Tem que ter uma grande aposta no desenvolvimento económico. Nos últimos anos temos sido mais atrativos no plano empresarial, mas queremos ser ainda mais e aproveitar a localização que Santarém tem. É um eixo estratégico para as empresas. Em duas horas estamos no Norte do país, em duas horas estamos no Sul. É uma potencialidade que tem que ser aproveitada.

Temos que ter mais empresas, mais atrativos e estamos a consegui-

-lo. Vamos ter um centro de inovação empresarial- em parceria com o NER-SAN - núcleo empresarial de Santarém- queremos ser a incubadora de empresas (será aqui na escola prática de cavalaria) e isso será o arranque para o que queremos potenciar nos próximos oito anos na cidade.

No que diz respeito ao viver, o nosso centro histórico tem que ser melhorado. Já fizemos bastante ao nível da requalificação urbana, ao nível dos nossos jardins e parques infantis- colocámos muitos nas juntas de freguesia. Queremos melhorar a nossa qualidade de vida e nós somos a única capital de distrito próxima de Lisboa que não é vista como dormitório.

Na vertente do visitar, temos um património histórico riquíssimo. Somos a capital do (estilo) Gótico, temos uma grande ligação ao Brasil, estamos no caminho de Santiago e de Fátima, temos a rota das catedrais, vamos ter um museu de Arte Sacra. E temos a nossa gastronomia, o único festival de gastronomia que existe.

Que situações de risco é que considera serem de resolução prioritária? Santarém costuma ter problemas como cheias, no Inverno, e incêndios no Verão.

Santarém tem uma idiossincrasia muito própria. Existe a bacia hidrográfica do Tejo e as cheias sazonais e temos que estar preparados para elas do ponto de vista da proteção civil. Existe um centro histórico muito antigo que merece um grande acompanhamento. Estamos num eixo rodoviário em que somos atravessados pela A1, pela A13 e pela A15, o que nos traz as preocupações do ponto de vista dos acidentes. No norte do concelho temos uma grande mancha florestal, daí também os incêndios. Felizmente

nos últimos dois anos tem sido muito pacífico.

Temos uma multiplicidade de riscos e devemos estar preparados para isso. Estamos num planalto e temos uma grande instabilidade das barreiras. Já há um projeto de 20 milhões de euros, em que será necessário fazer a consolidação das nossas barreiras. Sempre que chove e que há instabilidades climáticas ficamos preocupados com a instabilidade das nossas barreiras.

Somos um concelho atípico do ponto de vista do socorro porque temos quatro corporações de bombeiros: temos uma corporação municipal e três voluntárias com uma dispersão territorial que nos dá uma cobertura bastante homogénea.

O município tem os bombeiros municipais de Santarém. Alguma das candidaturas feitas inclui projetos para os bombeiros municipais?

Estamos a estudar o quadro comunitário e temos alguns projetos para os nossos bombeiros municipais. Tenho dito que também deve haver

“Temos uma multiplicidade de riscos e devemos estar preparados para isso”

uma grande aposta nos bombeiros municipais. Os voluntários têm todos quartéis novos. Do ponto de vista do parque automóvel estão mais à frente do que os nossos e nós temos que olhar um pouco para a nossa casa. Devemos aproveitar este quadro comunitário. Algumas vezes não temos também os mesmos meios de acesso que os voluntários têm. Isso é mais limitador para nós e as candidaturas que fazemos é no âmbito do socorro distrital.

Temos em cima da mesa projetos que estamos a estudar para levar a cabo com os nossos bombeiros municipais.

E isso implica um novo quartel ou novas viaturas?

Novas viaturas sim. Nós temos um

quartel em que temos feito obras de melhoramento. Mas ainda há objetivos a alcançar em relação ao quartel. Poderá não ser novo, mas sim a transformação de edifícios que tenhamos. Basta haver a possibilidade dos fundos comunitários permitirem transformar alguns edifícios nossos para complementar o que temos atualmente.

As autarquias que têm bombeiros sapadores ou municipais queixam-se de dificuldades orçamentais. Considera que deveria haver uma reavaliação do modelo de financiamento das câmaras municipais com corpos de bombeiros profissionais?

Deveria haver a revisão dessa legislação, assim como a questão do pessoal. Devíamos ter maior facilidade de recrutamento de pessoas que não temos. Lembro que os municípios estão obrigados a reduzir em dois por cento por ano o seu pessoal. Fizemos um concurso há ano e meio onde entraram 11 bombeiros, mas com a reforma de alguns e a saída de outros, hoje precisamos de mais pessoas.

Precisavam de mais quantos bombeiros?

Entre dez e doze bombeiros para ficarmos com o nosso quadro de efetivos a funcionar. Com as reformas e a atual conjuntura do país, há o apelo de outros países para sair e temos essa dificuldade conjuntural. As pessoas procuram outros desafios.

Há situações de bombeiros que emigraram?

Tivemos bombeiros que emigraram e outros com outros apelos profissionais e temos que ter atenção a isso.

Há corporações que estão a braços com falta de chefias. É uma situação que ocorre aqui também?

Temos que resolver as questões do ponto de vista legal para tratarmos disso. A reunião que tivemos com a Associação Nacional de Bombeiros Profissionais foi também para solicitarmos essa ajuda para podermos preencher algumas dessas chefias.



“Devíamos ter maior facilidade de recrutamento de pessoas (bombeiros)”

Recentemente manifestou intenção de alterar a designação dos bombeiros de municipais para sapadores. Para quando a concretização desse projeto?

É uma das coisas que já abordei publicamente. Na reunião com a ANBP disseram-nos que estão a discutir com o Ministério da Administração Interna uma nova carreira. Uma carreira intermédia que seria de mais fácil funcionamento, acesso e

implementação. Temos isso pensado e falado. Do ponto de vista orçamental é claro que isto tem algumas questões, mas também nos disseram que numa primeira fase não teria que se verificar o acréscimo orçamental, ficando apenas a transformação. Esse é o caminho que queremos seguir. Mas também queremos ver estes desenvolvimentos do ponto de vista das negociações que têm havido com o Ministério da Administra-

ção Interna para que se possa fazer uma aposta clara. Tenham a certeza que o município de Santarém não vai descurar situações como a dos bombeiros.

Depois dos incêndios que vitimaram os bombeiros no Verão passado e da formação ter sido apontada como deficiente, como avalia a formação ministrada aos bombeiros?

A formação é essencial não só nos

bombeiros como em qualquer profissão. Ao longo dos últimos anos temos apostado bastante na formação. Os nossos bombeiros municipais têm centenas de horas de formação. Em Santarém, quando virem chegar um bombeiro municipal, estão em boas mãos, porque estão bem preparados.

Como cidadão, sente-se seguro em Santarém?

Sinto-me seguro na nossa cidade.



Esquadra de Busca e Salvamento da Força Aérea “Nunca deixamos ninguém para trás”

(Por Miguel Marques)

São a última esperança para quem está em perigo de vida. Quando mais ninguém pode avançar, são eles que levantam voo, por vezes enfrentando riscos em alto mar no meio de uma tempestade ou sendo a maternidade improvisada nos céus de Portugal. Os pilotos da Esquadra de Busca e Salvamento da Força Aérea estão em alerta permanente e prontos para salvar. O Alto Risco acompanhou um dia de atividade desta esquadra.

A

noite de Natal de 2000 não será esquecida pela tripulação do Puma da Esquadra 751 da Força Aérea, mais conhecida por Esquadra de Busca e Salvamento.

“Nesta noite o navio Coral Bunker afundou-se ao largo de Viana do Castelo e com o Puma tiramos 22 chineses. Fiz um primeiro transporte de 10 pessoas. Depois, fizemos um pedido à Polícia Marítima e da Proteção Civil para arranjam um bom local de referência para aterram junto ao Porto de Viana do Castelo, que foi iluminado com os faróis de cinco viaturas.

Largámos estes 10 e voltamos para buscar mais 12”, recorda o tenente-coronel João Carita, 42 anos, comandante desta esquadra.

“A busca e salvamento é o nosso core-business, principalmente marítimo e de longa distância. A nível mundial, somos o que vamos mais longe com os helicópteros, devido à nossa área de busca e salvamento que é extremamente grande”, sublinha este oficial.

Para além destas missões, a Esquadra efetua também evacuação aero-médicas de ilha para ilha nos

Açores e na Madeira. “Fazemos ainda fiscalização de pescas, sendo que no caso dos pescadores que entram na nossa Zona Económica Exclusiva verificamos se têm autorização para as pescas, se estão a pescar na área correta, se têm autorização e, se não tiverem, são tiradas provas fotográficas e filmagens, vão a tribunal e ser julgados por serem infratores”, afirma João Carita.

Além da principal missão de busca e salvamento, os helicópteros Merlin fazem ainda “o transporte VIP, transporte aéreo geral, missão tática, transporte de tropas com infiltrações e exfiltrações e busca e salvamento em combate”.

Treinos intensos

“Os procedimentos de recuperações não são diferentes daquilo que treinamos, são sempre iguais seja um barco pequeno ou grande. Nunca deixamos ninguém para trás”, acrescenta João Carita.

Os salvamentos em alto-mar representam riscos acrescidos para os pilotos do helicóptero Merlin. “Depende da distância, do tempo que temos no local de salvamento. Se temos meia hora estamos à vontade, se só temos 10 minutos já não estamos assim tão à vontade. Aí o salvamento tem que ser mais expedito, mas não pode falhar um procedimento”.

O comandante da Esquadra 751 explica como é feito o salvamento dos tripulantes: “Chegamos à vertical do navio, e se for uma longa distância, temos a ajuda do avião C-295, que chega primeiro, e já mandou manobrar a embarcação para a posição que nós queremos, para temos o vento favorável para fazer a recuperação”.

Depois “chegamos, avaliamos o navio, vemos qual é o melhor sítio para a recuperação, porque muda de navio para navio. O recuperador desce, apanha o doente, recuperamos para dentro do helicóptero. A partir do momento que fechamos a porta, a equipa médica começa a fazer o tratamento e fazemos o regresso à base”.

No Merlin, o máximo de salvamentos de uma só vez foram 13 pescadores. “Uma das situações ocorreu



em 2007 a cerca de 400 quilómetros do largo da ilha da Madeira, com um navio pesqueiro português se afundou. Eram 11 tripulantes a bordo, um desapareceu e foram salvos os outros 10 em balsas”, sublinha João Carita.

O fim dos Puma

Entre as aeronaves que marcaram de forma indelével a história da Força Aérea Portuguesa estão, sem dúvida, os helicópteros SA-330 PUMA. Comprados em 1969 para transporte de tropas em Angola e Moçambique, no

auge da Guerra Colonial, estiveram ao serviço durante cerca de 40 anos.

A Esquadra 751 “Pumas” foi criada em 28 de Abril de 1978. Após o período de descolonização, os SA-330 PUMA sofreram ligeiras modificações e foram aplicados na execução de missões de Busca e Salvamento nas áreas de responsabilidade atribuídas a Portugal no âmbito dos seus compromissos internacionais.

Em 2005 a Esquadra 751 passou a contar com o moderno AgustaWestland EH-101 Merlin que veio substituir o SA-330 PUMA. Este foi um marco importante pois permitiu à Esquadra ficar dotada de tecnologia de ponta e também aumentar a sua capacidade de operação. Este aumento de capacidades já foi traduzido em vidas salvas na prática. Após a introdução do EH-101 houve uma reestruturação do dispositivo SAR nacional e assim os cerca de 100 militares que compõe a Esquadra 751 trabalham para que a mesma tenha, 24 horas por dia, 365 dias por ano, uma tripulação de alerta permanente na Base Aérea nº6 do Montijo, uma tripulação e respetiva aeronave no AM3 do Porto Santo e pelo menos uma tripulação e um helicóptero na Base Aérea das Lajes, Ilha Terceira, Açores.

Ao longo de mais de 30 anos de história, a Esquadra 751 já executou mais de 40.000 horas de voo (mais de 10.000 das quais com a aeronave EH-101 Merlin).



Características técnicas do Merlin

O EH-101 MERLIN é um helicóptero de transporte médio, trimotor, com trem de aterragem triciclo, semi-retráctil, com rodas duplas em cada unidade e rotor principal de 5 pás.

A FAP adquiriu 12 EH-101 em três variantes distintas para três tipos de missões diferentes. A frota consiste em 6 de variante SAR (Busca e Salvamento), 2 de variante SIFICAP (Sistema de Fiscalização das Pescas) e por 4 de variante CSAR (Busca e Salvamento em Combate).

Possui flutuadores de emergência, 2 barcos internos de 20 pessoas, 1 guincho primário e um guincho secundário, NITESUN e FLIR.

É equipado com um radar de busca da GALILEO com capacidade de identificar e monitorizar 32 alvos de superfície em simultâneo.

EH-101 equipado com um guincho primário e um guincho secundário, NITESUN e FLIR.

Fonte FA

Terramotos, furacões, ciclones e tsunamis: 10 cidades mais arriscadas do mundo

Quais são as cidades mais arriscadas do mundo quando se trata de desastres naturais? Uma empresa de resseguros se propôs a avaliar 616 cidades ao redor do mundo para o risco de terremotos, furacões e ciclones, ressacas, inundações fluviais e tsunamis. Estas são as 10 cidades mais arriscadas para a Swiss Re.



O mundo é hoje palco de duas grandes tendências: a sua população está, cada vez mais, a concentrar-se nos centros urbanos, e a mudança climática está a ampliar a intensidade dos desastres naturais e, assim, a agravar os seus danos. Quando estes dois factos se misturam, o resultado são estragos anuais entre os 44 mil milhões e os €74 mil milhões de euros, fruto de furacões, terremotos e inundações.

A tendência de maiores tempestades no mundo, aliadas a mais pessoas nas grandes cidades – geralmente perto da água –, fazem soar o alerta. E a questão coloca-se: afinal que cidades enfrentam maiores riscos atualmente? As respostas têm em conta o núme-

ro de pessoas em perigo e o impacto sobre a economia do país.

Os resultados são baseados num relatório da seguradora suíça Swiss Re. Muitas das cidades ameaçadas estão localizadas na Ásia, o continente que tem sido exposto à mais ampla gama de desastres naturais, de acordo com o documento.

Há mais cidades em situação de risco no Japão do que em qualquer outro país, porque este se encontra numa das linhas de falhas mais ativas do planeta.

Esta é a lista das 10 cidades de maior risco do planeta:

10) Teerão, Irão: Quando se pensa em zonas de risco em terremotos, um dos locais mais conhecidos é a falha de Santo André, na Califórnia nos Estados Unidos, mas a falha do Norte da Anatólia é considerada uma das mais perigosas do mundo. Toda a população de 13,6 milhões de Teerão, capital do Irão, assim como os residentes de Bucareste, capital da Roménia, Tashkent, a capital de Uzbequistão, e a maior parte da Turquia. O último terramoto em Teerão foi em 1830 e as regulamentações de construção não acompanharam os novos tempos.

9) Los Angeles, Estados Unidos: A sua localização sobre a falha de Santo André faz de Los Angeles uma das cidades mais vulneráveis a terremotos. Apesar de não ser uma zona de risco para tsunamis, por ser uma falha que se encontra numa zona continental, não serve de muito conforto aos 14,7 milhões de habitantes da zona ameaçada por terremotos.

8) Rio Xangai, China: Muitas das cidades construídas à beira-rio ou em deltas, as inundações são o risco mais comum que estas enfrentam. A Índia e a China enfrentam os riscos mais importantes; com 11,7 milhões de residentes diretamente em risco, Xangai é um local de particular risco para a ocorrência de inundações, mas existem outras cidades com o mesmo tempo de risco como Banquecoque,



7



6



5



4

Cidade do México, Bagdad, Paris e Doha.

7) Calcutá, Índia: O risco de inundações também Calcutá

Inundações provocadas pelo rio também afetam Calcutá, com 10,5 milhões de pessoas em situação de risco - mas a cidade indiana oriental é o quinto em termos de risco de tsunami, com mais de meio milhão de pessoas expostas. Também está ameaçada por furacões.

6) Nagoya, Japão: risco de tsunami no Pacífico domina. As cidades mais expostas, espalhadas ao longo das falhas ativas do oceano ocidental, estão no Japão - liderado por Tóquio-Yokohama e Nagoya, cada um com cerca de 2,4 milhões de pessoas potencialmente afetadas. Com 12 milhões de pessoas no total, existe um grande risco de tsunamis, sendo que o número de mortos poderá ser enorme.

5) Jacarta, na Indonésia: Cerca de 40% de Jacarta está abaixo do nível do mar pois encontra-se em uma bacia plana com solo macio perto de uma linha de falha. Isto significa que os sismos podem ser particularmente perigosos para os seus 17,7 milhões de habitantes, como o solo macio pode aumentar a intensidade dos tremores. Os tremores de terra também podem liquidificar o solo mal drenado de Jacarta, fazendo com que o solo perca a sua integridade estrutural e reagir como um líquido. Adicionar ao risco de que de Jacarta está em zona de inundação do rio e torna-se uma das cidades mais expostas do planeta.

4) Osaka - Kobe, Japão: A faixa de Osaka- Kobe é o lar de 14,6 milhões de pessoas que vivem sob a ameaça de terremotos, como o que matou milhares de pessoas em 1995, também sofre com tempestades brutais e o risco de inundações fluviais. E depois há as tempestades, em que fortes ventos de tufões do tipo que atingiu o Sudeste Asiático além das ondas gigantes. Esta faixa está localizada numa grande planície costeira da área metropolitana, o que significa três milhões de pessoas estão em risco.

É também a terceira cidade mais propensas tsunamis no mundo.

3) Delta do Rio das Pérolas, na China: Este aglomerado urbano, que inclui Hong Kong, Shenzhen, Dongguan, Macau e Ghangzhou, é o lar de mais de 42 milhões de pessoas. Uma das jóias econômicas da China (PIB estimado: 550 mil milhões de euros) está espalhada por uma planície de inundação ameaçada por todos os tipos de desastres naturais: é o número um no risco de tempestades, com 5,3 milhões de pessoas afetadas, a terceira maior de ciclones (17,2 milhões de pessoas), e a cidade com quinto maior risco para inundações.

2) Manila, Filipinas: É uma das cidades com maior risco de terremotos, e altas velocidades de vento são uma ameaça grave: o poderoso tufão que Haiyan varreu o país no ano passado foi um dos mais fortes de sempre. Destruíu várias ilhas centrais, arruinou a cidade costeira de Tacloban e matou milhares de pessoas.

1) Tóquio - Yokohama, Japão: Com 37 milhões de habitantes que vivem sob a ameaça de terremotos, monções, enchentes de rios e tsunami, a região de Tóquio -Yokohama é de longe o mais arriscado do mundo: cerca de 29 milhões de pessoas estão potencialmente exposto a qualquer momento a um grande terramoto. O Japão também é o país mais exposto ao risco de tsunami, como centros urbanos do país são pontilhadas com uma precisão quase perversa ao longo do Anel de Fogo, as falhas ativas do Pacífico ocidental. O Grande Terremoto de Kanto de 1923 devastou Tóquio e Yokohama, matando um número estimado de 142.800 pessoas.

(Uma nota sobre a metodologia do relatório da Swiss Re: moradores ameaçados por vários perigos são contados mais de uma vez nas estatísticas. Portanto, o número total de pessoas potencialmente afetadas por vários perigos, portanto, pode exceder o tamanho da população de uma cidade).



3



2



1





Elisabete Cordeiro



Ana Manuel



Ricardo Santos

Plataforma online portuguesa disponibiliza planos de segurança online aos bombeiros

As medidas de autoproteção (MAP) são obrigatórias por lei mas nem sempre a gestão dos planos de segurança dos edifícios é feita da maneira mais eficaz. Para resolver a parte burocrática Elisabete Cordeiro, engenheira eletrotécnica, juntou a profissão como membro de uma empresa de segurança de incêndios com o gosto pelas tecnologias da informação e criou a TIMAP, uma plataforma online que serve como repositório para os planos de segurança dos edifícios. Os clientes disponibilizam os planos de segurança online e os bombeiros podem aceder aos planos em caso de acidente ou sinistro.

Numa entrevista à revista Alto Risco, Elisabete Cordeiro fala das principais características desta tecnologia portuguesa, onde pode ser aplicada e a mais-valia que pode ter para os elementos da proteção civil.

O que é a tecnologia TIMAP?

Todos os edifícios, os estabelecimentos e os recintos devem, no decurso da exploração dos respetivos espaços, ser dotados de medidas de organização e gestão da segurança, designadas por medidas de autoproteção (MAP), medidas estas obrigatórias por lei.

As MAP são um documento, necessariamente mantido sempre atualizado, composto por

um conjunto de normas e procedimentos, que articula os meios humanos e materiais disponíveis na instalação (edifícios/estabelecimentos). Este conjunto de documentos descreve como proceder em caso de sinistro, como proceder para haver uma prevenção correta nos vários espaços e equipamentos existentes nos estabelecimentos/edifícios. Além desses procedimentos, as MAP também são compostas pelos registos de segurança, isto é, registo de manutenções, intervenções no edifício/estabelecimento, vistorias e inspeções, entre outros.

A implementação das MAP não consiste, no entanto, apenas na elaboração de um dossier contendo toda a informação

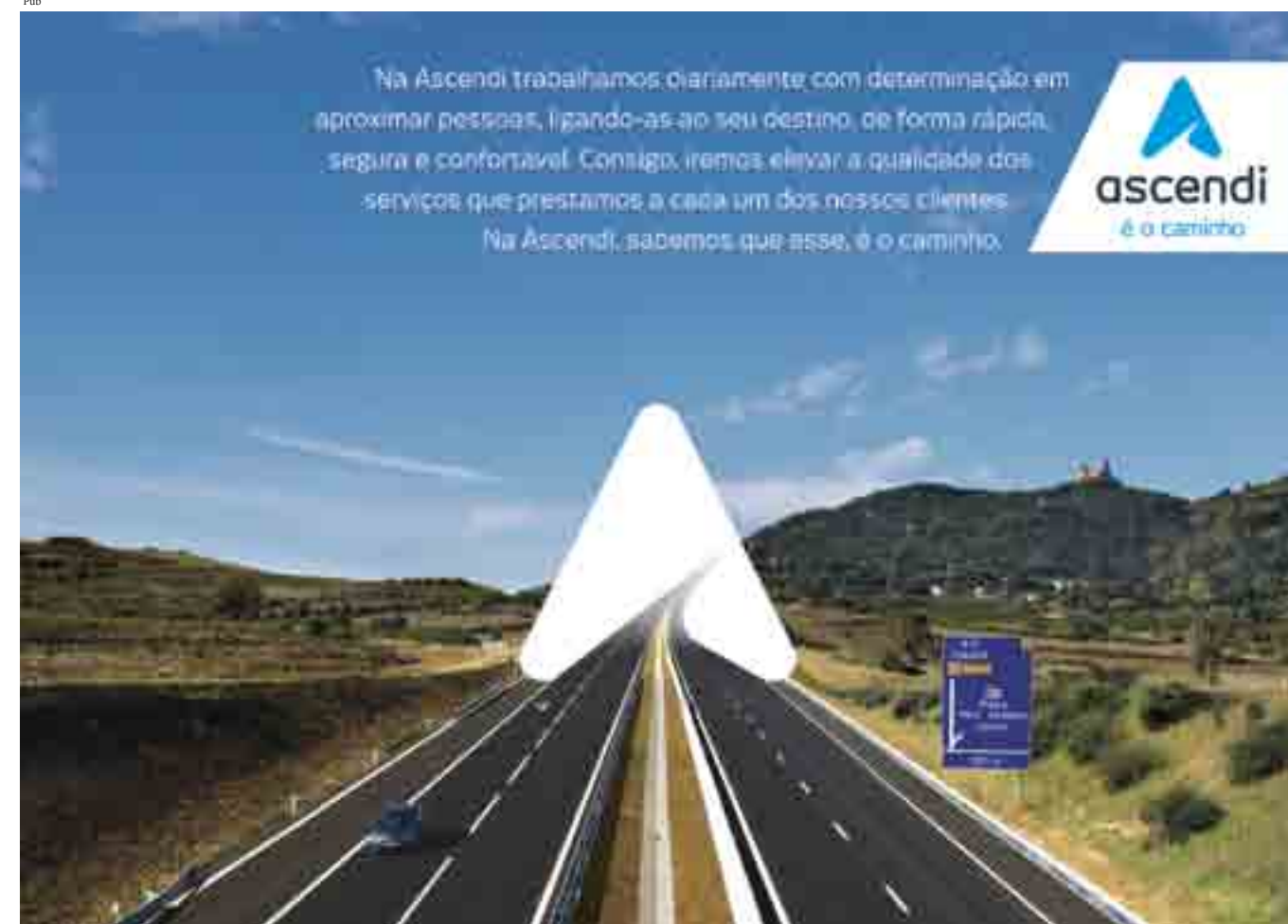


“Numa situação de emergência os bombeiros consigam ter a informação de um edifício com um simples click”

referida anteriormente, sendo também necessário haver formação e em alguns casos a realização de exercícios de evacuação e simulacros.

São vários os problemas que podem ser identificados relativamente à forma como as MAP estão a ser implementadas e geridas, nomeadamente na composição do documento que em muitas das situações, se torna pouco dinâmico e dificilmente utilizável, atingindo o seu conteúdo as centenas de páginas que o tornam deveras maçador e impossível de consultar numa situação de emergência, porque ou os dossiers não estão disponíveis ou não estão atualizados e claro não há tempo de consultar face a situação que está a ocorrer. As desatualizações a que ficam sujeitas ou quando, mesmo que atualizadas, essa informação não chega às entidades competentes – Corpos de Bombeiros e Proteção Civil, entidades cuja intervenção tem que ser coordenada com as dos ocupantes dos edifícios/estabelecimentos, conforme estipulado nas MAP. Outra dificuldade surge ao nível das Administrações que dispõem de vários edifícios/estabelecimentos sob a sua responsabilidade, sendo-lhes extraordinariamente difícil terem presente todas as MAP, de forma a responderem eficazmente a qualquer situação de emergência. Outro aspeto importante são as questões rela-

Pub



cionados com a falta de manutenção, quer dos equipamentos quer das instalações e a realização dos exercícios de evacuação e simulacros devido ao esquecimento ou desconhecimento. Além dos problemas referidos anteriormente, importa ainda salientar o problema da formação/informação que todos os funcionários de um estabelecimento deviam ter sobre a implementação das MAP, mas tal situação na grande maioria dos casos não se verifica.

Com as tecnologias que hoje temos à disposição porque não criar ferramentas que nos ajudem no nosso dia-a-dia e em situações de emergência. Foi com esse objetivo que a plataforma TIMAP foi criada.

A plataforma TIMAP consiste em colocar as tecnologias de informação ao serviço das medidas de autoproteção, isto é, tornar as MAP dinâmicas, acessíveis quando necessárias e realmente funcionais, cumprindo integralmente os objetivos da regulamentação de segurança contra incêndios em vigor e que não sejam apenas um dossier numa prateleira. É uma plataforma web, segura e de fácil utilização, onde é possível registar toda a informação relativa às medidas de autoproteção (MAP) de uma ou várias utilização-tipo, permitindo efetuar a gestão e alteração de todas as partes que as integram. Esta plataforma permite também notificar os intervenientes na manutenção dos equipamentos, bem como outro tipo de notificações, tais como a realização de simulacros, alterações na composição da equipa de segurança, número de efetivos, entre outras possibilidades.

Qual a utilidade prática da TIMAP para os bombeiros e proteção civil?

As entidades externas (proteção civil e bombeiros) têm acesso às MAP, que estão sob a sua jurisdição, podendo consultá-las, dar pareceres e ser notificadas quando as mesmas são alteradas, sendo esse acesso dado gratuitamente.

Com a TIMAP os bombeiros poderão no percurso para os incêndios ou outra situação de emergência, através de um smartphone ou um tablet, conhecer as características das instalações, meios de segurança passivos e ativos disponíveis, etc., permitindo uma melhor preparação/conhecimento sobre o que irão encontrar quando chegarem ao local.

Por seu lado a Proteção civil poderá saber se há uma real implementação das MAP, isto é, poderá saber quantos edifícios que estão a dar cumprimento com a legislação a nível de inspeções, simulacros, manutenção de equipamentos e entre outros. Poderá ter essa informação tanto a nível nacional e regional.

Pensamos que atualmente é impossível à proteção civil ter essa informação e que numa situação de emergência os bombeiros consigam ter a informação de um edifício com um simples click.

Em que cenários pode ser utilizada?

A plataforma TIMAP pode ser utilizada a qualquer altura, tanto em situações de emergência, como em situação de manutenção, fiscalização e formação, porque o acesso é feito online e é uma plataforma que está disponível 24h por dia.



Quais as vantagens mais relevantes desta tecnologia em relação a outras existentes na área da proteção civil?

Atualmente não há nenhuma plataforma que disponibiliza toda a informação que a TIMAP disponibiliza e da forma como a disponibiliza, tanto para os responsáveis de segurança, delegados de segurança, os próprios funcionários dos estabelecimentos/edifícios e em especial para os bombeiros e proteção civil.

Como funciona a plataforma e-learning para proporcionar formação específica aos membros da proteção civil?

A plataforma e-learning está orientada aos funcionários e equipas de segurança dos estabelecimentos, para que eles tenham informação e formação sobre a implementação das MAP dos edifícios/estabelecimento onde trabalhavam. Esta formação é uma formação teórica, mas permite corrigir uma

lacuna muito grave que é a falta de informação e formação sobre a implementação das MAP. Recentemente foi feito um estudo online sobre a implementação das MAP nos edifícios. Nesse estudo verificou-se que num universo de 147 inquiridos 100 sabiam que o edi-

fício onde tralhavam tinham Medidas de Autoproteção, mas desses 100 inquiridos 57 não tinham tido qualquer tipo de formação e informação.

Estão previstas atualizações desta tecnologia para enfrentar outros cenários?

A plataforma foi desenvolvida com uma tecnologia da Outsystems que nos permite alterar rapidamente qualquer requisito solicitado pela proteção civil e bombeiros bem como facilmente adaptar novos requisitos legais.



Bombeiro-programador quer ajudar a salvar vidas com os Google Glass

Uma visão futurista de um bombeiro equipado com uns óculos futuristas, mas que, no futuro podem salvar vidas. É esta a visão de um bombeiro e empreendedor norte-americano.

P

atrick Jackson é bombeiro e também sabe um pouco de programação informática. Juntando o conhecimento que tem dos dois mundos, o norte-americano, natural do estado da Carolina do Norte está a desenvolver uma aplicação para os Google Glass com o objetivo de ajudar corporações de bombeiros em todo o mundo.

A aplicação na qual Patrick Jackson está a trabalhar permite que os bombeiros tenham acesso, em tempo real, às plantas de edifícios onde esteja a deflagrar um incêndio, por exemplo. Desta forma podem ser escolhidas no momento rotas de fuga e atalhos para chegar a determinado ponto do edifício.

Rotas para locais de acidentes, informação sobre o tráfego das vias, posição de bocas-de-incêndio e notificações

sobre chamadas de emergência são outras informações que vão ficar disponíveis na aplicação. O projeto foi destacado na página do projeto Glass no Google+, sendo Patrick Jackson um dos atuais “exploradores” do gadget protótipo da empresa de Mountain View.

O Google Glass permite ainda que as primeiras equipas a chegarem ao local gravem em vídeo a ocorrência. Este registo vai ser útil nas investigações posteriores que vierem a ocorrer.

Outros corpos de bombeiros nos Estados Unidos já manifestaram interesse na instalação do Google Glass de Jackson. Um quer levá-la ao próximo nível e ligar uma câmara de imagem térmica de vidro personalizado para funcionar com máscaras de oxigênio. Em seguida, os bombeiros podem ter visão parcial através do fumo e da escuridão.

O mesmo software permite ainda aceder a planos de desencarceramento de veículos, bastando para isso vocalizar o modelo do carro. No mini-ecrã dos óculos aparecem depois os pontos que devem ser cortados pelos bombeiros para que a vítima possa ser retirada.

Quando não está a combater incêndios ou aperfeiçoar a sua aplicação, Jackson está a trabalhar numa outra utilização, que, possivelmente, pode salvar vidas: uma aplicação para ajudar a administrar a reanimação cardíaca. Usando o acelerômetro incorporado no Glass, o aplicativo pode medir como estão as compressões torácicas de alguém e instruir o socorrista a ir mais rápido ou mais lento.

Seminário Jornalistas e Bombeiros em cenário de catástrofes

A relação de comunicação entre os bombeiros e agentes de proteção civil e os jornalistas no teatro das operações dominou o seminário Jornalistas e Bombeiros em cenário de catástrofes, que decorreu dia 26 de Fevereiro. No auditório do Museu do Bombeiro de Lisboa (RSB Colombo) compareceram cerca de 80 pessoas, entre bombeiros, agentes de proteção civil, autarcas e alunos de jornalismo, que ao longo de três horas ouviram vários profissionais de comunicação falarem sobre as suas experiências no terreno.

No debate foram abordadas as dificuldades dos jornalistas por um lado, de acederem às informações aquando das ocorrências; por outro, das dificuldades sentidas pelos agentes de proteção civil quando são contactados pelos jornalistas para prestar declarações durante o socorro às ocorrências.

Neste debate, moderado pela jornalista Filomena Barros, participaram os jornalistas Henrique Mateus (Televisão TVI), Ricardo Conceição (Rádio Renascença), Sílvia Reis (Agência Lusa), Salomé Pinto (Porto Canal) e Hugo Franco (Jornal Expresso).



2º Comandante do RSB, Major Tiago Lopes

A experiência vivida nos incêndios florestais de 2013, bem como os seus efeitos catastróficos, foi relatada pela jornalista Salomé Pinto, que abordou também as fontes de informação para tratar estes temas. Também Hugo Franco abordou a experiência vivida na ilha da Madeira durante os incêndios de 2012 e o contato direto com as populações que viveram a tragédia. O jornalista do Expresso (que vai receber um Prémio Prestígio na XI Gala de Homenagem aos Bombeiros Portugueses) relatou situações presenciadas nestes incêndios e a forma como as pessoas lutaram contra os incêndios e protegeram os seus bens. Também Sílvia Reis, da Agência Lusa, relatou a sua experiência durante as enxurradas do dia 20 de fevereiro, que vitimaram mortalmente mais de 40 pessoas. A jornalista abordou a importância de ter notícias atualizadas, contando, para tal, com a ajuda dos agentes de proteção civil no terreno.

Sílvia Reis exemplificou algumas dificuldades para aceder às informações disponibilizadas pela página da Autoridade Nacional de Proteção Civil. Uma opinião também partilhada por Ricardo Encarnação, da Rádio Renascença, que sugeriu algumas alterações na organização da página oficial da ANPC.

As dificuldades sentidas por um jornalista desportivo na cobertura de grandes eventos foi o tema levado por Henrique Mateus, da TVI, que partilhou a experiência da realização de um "derby", onde a questão da segurança assumiu o papel principal, levando ao adiamento do evento.

Na sessão de abertura marcaram presença Diretor Nacional de Bombeiros, Pedro Lopes (em representação do presidente da Autoridade Nacional de Proteção Civil), a Vogal da Direção da Escola Nacional de Bombeiros Susana Silva, o Comandante Operacional Nacional, Autoridade Nacional da Proteção Civil, José Manuel Moura, o 2º Comandante do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa, Major de Engenharia Tiago Lopes e um representante da ANAFRE, António Danado.



Representante da ANAFRE, António Danado



Diretor Nacional de Bombeiros, Pedro Lopes



Hugo Franco, jornalista do Expresso

Como profissional, qual foi a experiência que mais o impressionou nos últimos anos?

Na Madeira, há dois anos, nos incêndios que deflagraram na zona alta do Funchal foram certamente das experiências mais interessantes que tive como profissional. Apercebi-me da eminência de uma grande tragédia. Estive uma semana em campo ao lado dos bombeiros e das populações e pude ver o trabalho dos bombeiros em ação. Nunca tinha visto de tão perto e percebi que é uma atividade muito arriscada. Houve situações em que as populações e bombeiros estiveram em eminência de perigo.

Também na Madeira, dois anos antes, nas cheias de 20 feverei-

ro, e foi uma experiência impressionante. Nunca tinha assistido a um dilúvio e foi a segunda experiência mais importante que tive a nível profissional.

A relação que teve com elementos da proteção civil na altura, foi importante, prestaram-lhe apoio e deram a informação, ou houve algum tipo de dificuldades que teve de passar?

Há sempre dificuldades no terreno. É fácil quando nós estamos na redação e acompanhamos com o telefone, de longe, e perguntamos ao gabinete de comunicação da proteção civil o que se passa e procuramos uma "caixa noticiosa" daquilo que nos dizem e não nos dizem. No terreno as coisas são mais imprevisíveis e, no entanto, não tenho nenhuma razão de queixa em ambos os casos. Os elementos que estavam no terreno foram cordiais.

Atualmente, a relação dos jornalistas com a proteção civil e bombeiros é diferente do que era há alguns anos?

Os meios complexizaram-se. Hoje há mais meios. Há informação 24 sobre 24 horas. Há 10 anos as coisas não eram bem assim. Hoje em dia os gabinetes de comunicação têm acompanhado bem esta situação. Não vejo que nos escondam grandes informações, mas há compreensão dos dois lados.



Henrique Mateus, jornalista da TVI

Mesmo não tendo experiência na área da proteção civil, sendo o desporto a sua especialidade jornalística, acompanha grandes acontecimentos desportivos e os meios de proteção civil envolvidos são significativos. O que é que costuma observar nesses dias de grandes jogos de futebol ou grandes acontecimentos desportivos?

O que observo são grandes aparatos, e estamos a falar de acontecimentos importantes de futebol internacional, como jogos da Liga dos Campeões, Campeonatos da Europa ou Mundial de Futebol. Não é muito diferente do que pudemos assistir aqui. Por exemplo, tivemos aqui um jogo no Estádio da Luz, jogos da Liga dos Campeões ou o Euro 2004, com grandes aparatos. Provavelmente, em algumas ocasiões, com meios diferentes. Na Espanha e em Inglaterra vejo a polícia a cavalo, que aqui não temos.

Nesses grandes eventos, nota alguma preocupação especial das autoridades ou vê algum tipo de atuação diferente do que é habitual?

Em algumas ocasiões sim, mas são acontecimentos em que está tudo previsto, onde há uma grande prevenção e em que se percebe que as autoridades têm controlo sobre a situação. Mesmo quando acontece alguma que não esteja previsto eles estão preparados para responder.

Assistiu a algum incidente que tenha ocorrido nalgum acontecimento, que tenha obrigado à intervenção das autoridades?

Sim, em Espanha assisti o ano passado a um acontecimento desse género. Acompanhei praticamente todos os jogos do Real Madrid na Liga dos Campeões e quando o Real Madrid foi campeão espanhol, na Praça Cibeles, no momento a seguir aos festejos, a organização da polícia a cavalo a limpar o terreno e a afastar os manifestantes, no caso do cerco ao Parlamento e no caso da Praça Cibeles, a dispersar as pessoas porque queriam ter a rua livre. Nunca tinha assistido a uma situação daquelas. Depois há pessoas que não gostam e há mini-confrontos, com arremesso de objetos contra a polícia. Mas fazem esta limpeza muito rapidamente, depois veem as brigadas de limpeza e passado meia hora é como se não tivesse acontecido nada.



Salomé Pinto, Porto Canal

Qual foi a experiência que mais a marcou ao nível da proteção civil, catástrofe ou acidentes?

O tema que trouxe a este seminário não são tanto as catástrofes, mas as razões ou motivos de erros que ocorrem no teatro das operações. Como lido mais com o presidente da ANBP, com o presidente da Liga de Bombeiros e os bombeiros, aqui é mais saber porque é que as coisas correram bem, porque é que correram mal, a falta de meios, os erros, a falta de formação. Porque isso, ao fim e ao cabo, está relacionado com os resultados finais, com a eficácia no combate aos incêndios ou até nas catástrofes.

Nessa perspetiva, acha que a relação dos jornalistas com os meios de proteção civil melhorou ao longo dos anos?

Penso que a relação tem vindo a melhorar, até porque com os gabinetes de comunicação há uma maior proximidade com os jornalistas, que nos colocam sempre ao corrente das questões e das informações, tiram-nos as dúvidas. O mais difícil, provavelmente, é em caso de catástrofes, ter informação fidedigna e correta no tempo que queremos. Às vezes é complicado lançar números ou dados sem ter a certeza e, às vezes, a informação não chega atempadamente.

Considera que estas entidades estão sensibilizadas para o vosso papel enquanto jornalistas?

Sim, considero que a realização deste tipo de seminários é prova disso. Portanto, tentar manter a ponte entre jornalistas e elementos da proteção civil revela isso.



Simulacro testa Segurança da Misericórdia de Lisboa

Um “incêndio” na reprodutibilidade situada no piso -1 nas instalações da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) no Largo da Trindade Coelho, (complexo de São Roque) deu início a um simulacro realizado no dia 9 de maio. As chamas “deflagraram” às 11h37. O “alarme” foi dado para a Central de Comunicações às 11h41. Quatro minutos e 37 depois chegaram os Bombeiros do Regimento Sapadores

Bombeiros de Lisboa, vindos da Primeira Companhia, na Avenida D. Carlos I.

O simulacro exigiu a retirada dos cerca de 800 colaboradores que integram o complexo de São Roque. Os funcionários da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa concentraram-se em dois pontos de encontro pré-definidos: o Largo Trindade Coelho e o Jardim de S. Pedro de Alcântara, onde aguardaram que terminassem as operações de socorro dos bombeiros e responsáveis pela segurança da SCML, que corriam

de um lado para o outro. Os bombeiros transportaram para o Hospital de São José o único “ferido” resultante deste “incêndio”: o responsável da reprodutibilidade, vítima de trauma e inalação de fumo.

O exercício pretendeu testar o Plano de Segurança da instituição e constituiu a última fase da sua implementação. Foi realizado depois de alguns meses de ações de formação que envolveram todos os colaboradores, com o “objetivo de os capacitar e criar mecanismos e rotinas que os conduzam a bons comportamentos em situação de acidente grave”, pode ler-se na nota de imprensa emitida pelo SCML.

Nesta operação, que durou cerca de 50 minutos, participaram a Polícia de Segurança Pública, o Serviço Municipal de Proteção Civil e o Regimento Sapadores Bombeiros de Lisboa. De acordo com o 2º Comandante do RSB, Tiago Lopes, que acompanhou o decorrer de todo o exercício, estiveram no local 23 elementos, apoiados por sete viaturas, entre as quais uma autoescada utilizada apenas para “prevenção e vigia” e um

posto de comando, sob responsabilidade do Chefe José Franco.

No balanço final, o subdiretor do departamento de qualidade e inovação da SCML, Lúcio Lopes, considerou que o exercício “correu bem”, tendo em conta o número de pessoas envolvidas, a dimensão do edifício e os vários riscos existentes.

Já o 2º Comandante do RSB, Tiago Lopes, considerou que o exercício “correu muito bem”. Ainda assim, apontou algumas falhas, como a indefinição do local onde estava a “vítima” e algumas dificuldades de abastecimento de água no interior do edifício.





APRENDER BRINCANDO!



Zé Baril

Mestre da
Proteção
Civil

Realização de
atividades na área
da proteção civil
nas escolas






Informações:
E-mail: anbombeirosp@mail.telepac.pt
Telefone: 21 394 20 80

Zé Baril

Zé Baril na semana da proteção civil do Porto

O Zé Baril, Mestre da Proteção Civil, marcou presença na Semana Aberta da Proteção Civil que decorreu entre os dias 12 e 15 de março no Quartel do Batalhão Sapadores Bombeiros do Porto. Neste evento participaram vários agentes da proteção civil, entre os quais bombeiros, INEM, Cruz Vermelha, GNR, Autoridade Marítima e Exército. A iniciativa esteve aberta à participação de escolas e da população em geral.



Zé Baril ensina primeiros socorros a pais no Montijo

A Escola Básica 1 Afonsoeiro, do Agrupamento de Escolas Poeta Joaquim Serra, no Montijo, foi o palco de mais uma ação do Zé Baril, Mestre da Proteção Civil, no dia 25 de fevereiro. Desta feita, a ação de formação foi dirigida a pais e encarregados de educação desta escola, que receberam instrução sobre primeiros socorros.

A formação contou com a participação de cerca de três docentes do estabelecimento de ensino e de oito encarregados de educação, que consideraram a ação de formação "bastante interessante e particularmente útil porque permitiu a divulgação de procedimentos, a clarificação de conceitos, o esclarecimento de dúvidas, procedimentos, o aprofundamento de conhecimentos".

Os pais distinguiram ainda pertinência dos conteúdos apresentados, a qualidade do formador Nélson Fevereiro, a utilidade do material trazido pelo formador que auxiliou a explicação dos conteúdos, que permitiu aos presentes terem uma visão muito mais precisa de como se deverá atuar em caso de necessidade de socorro à vítima.

A ação decorreu ao longo de três horas.



As cheias, os prejuízos e os seus custos

Mais de 3.600 edifícios estão expostos aos danos de inundações em zonas problemáticas de Lisboa, Porto, Coimbra e Oeiras. Este é um dos dados mais relevantes do projeto da Fundação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, financiado pela Associação Portuguesa de Seguradores (APS), que fez a primeira cartografia do risco de cheias em todo o país.

Este trabalho demorou três anos a estar concluído, com o cruzamento de dados sobre a precipitação, as cheias e a localização de edifícios. Através de modelos de hidrodinâmica foi possível traçar o comportamento teórico de inundações com vários níveis de gravidade. E modelos climáticos traçaram cenários sobre o que se pode antever para o futuro.

Combinando tudo, os investigadores construíram diversos índices relacionados com o risco de cheias e, a partir deles, mapas – daí o nome do projeto: Cartas de Inundação e Risco em Cenários de Alterações Climáticas (CIRAC).

Em números grandes, cerca de 2% do território de Portugal continental são de alta ou muito alta vulnerabilidade. Na prática, são 1.780 quilómetros quadrados, uma área que quase equivale à do concelho de Odemira, o maior do país.

Outros 14% (12.500 quilómetros quadrados) são áreas de vulnerabilidade moderada. Aí estão, por exemplo, as bacias de grandes rios, como o Tejo, o Mondego ou o Vouga, o centro do Alentejo, parte do Algarve e zonas ao redor de algumas cidades, como Setúbal, Viana do Castelo, Bragança, Vila Real e Castelo Branco.

O resto do território tem baixa vulnerabilidade, sobretudo o litoral e sul do Alentejo, as serras algarvias e a

maior parte da região Centro e Norte interior.

O estudo analisou algumas zonas urbanas tradicionalmente afetadas por inundações, em especial por cheias rápidas, que resultam de chuva forte concentrada em pouco tempo. E concluiu que é na zona de Algués, em Oeiras, que os riscos são maiores – segundo um indicador que combina a altura das ondas de cheia com outros parâmetros, para calcular a probabilidade de danos nos edifícios.

Os custos das cheias

Foram os prejuízos das cheias, ou dos eventos meteorológicos em geral, que motivaram a Associação Portuguesa de Seguradores (APS) a financiar o estudo. “Estamos a sentir que a frequência e o volume de danos pessoais e patrimoniais têm aumentado”, afirma o presidente da APS, Pedro Seixas Vale, à Agência Lusa.

Entre 2006 e 2014, houve oito eventos meteorológicos graves – um por ano – que resultaram em 320 milhões de euros em indemnizações a 65 mil

segurados. A maior parte reparte-se entre duas situações em particular. Uma delas foi a tempestade Gong, de 19 de Janeiro de 2013, que varreu o país com ventos de até 140 quilómetros por hora. Só aí, houve 48 mil segurados a acionarem as suas apólices de seguro, somando 100 milhões de euros em indemnizações.

A outra situação crítica foi a do temporal de 20 de Fevereiro de 2010 na Madeira, que levou torrentes de água, lama e pedras das encostas montanhosas para o Funchal e outras cidades, deixando um saldo de 47 mortes, centenas de desalojados e um enorme rasto de destruição. Apesar de apenas 2300 segurados terem reclamado indemnizações, o valor total chegou aos 141 milhões de euros.

O que as seguradoras pretendem com o estudo é obter um quadro científico atualizado para poder programar melhor as apólices. “Queremos fazer uma cobertura adequada, a um preço correto”, disse o presidente da APS, na apresentação do trabalho a 6 de maio em Lisboa.

Pedro Seixas Vale diz que o objetivo não é aumentar o valor dos seguros, mesmo porque o custo poderá em muitos pontos do país. Segundo a APS, 60% das habitações em Portugal não têm um seguro que cubra o risco de inundações.

Financiar um estudo desta natureza não é novidade. A APS já o fez para o risco de sismos – o pior desastre natural possível para as seguradoras em Portugal. E análises de risco às cheias já existiam, mas já não estavam adequadas para o que tem vindo a acontecer.

Alterações climáticas

A maior preocupação deve-se às alterações climáticas, que vão fazer de Portugal um país mais quente, possivelmente com mais chuva no Norte e menos no Sul, ao longo deste século.

Apenas dois cenários foram analisados, com base num único modelo de simulação climática. Em Lisboa, por exemplo, o risco de cheias no final deste século desagrava num dos cenários mas piora no outro. Já em Coimbra, na Baixa a situação é semelhante à de Lisboa, mas na zona sul da cidade o sinal é de agravamento nos dois cenários, no longo prazo.

O investigador Pedro Garrett, coordenador do projeto, explicou à Lusa que há maior incerteza quanto à precipitação no futuro, do que quanto à temperatura. E acrescenta que o objetivo, agora, é prosseguir o trabalho, incorporando dados de mais modelos climáticos, de modo a ter uma melhor ideia dos níveis de incerteza e afinar os resultados de um trabalho que é apresentado como pioneiro em Portugal. “Foi tudo feito pela primeira vez”, diz.



Pub

TECIDO DE ALTA PERFORMANCE PARA VESTUÁRIO DE PROTECÇÃO

A Penteadora é a única empresa Portuguesa a fabricar tecidos Ignífugos à base de meta-aramida, como resultado da parceria exclusiva para o território Nacional com o fabricante de fibra KERMEL.

Estes tecidos garantem: máxima protecção a muito altas temperaturas (até 1'000°C) durante alguns segundos; boa resistência mecânica – naturalmente ideal para vestuário durável e de uso intensivo; conforto – elevada suavidade; excelente aparência – não faz pilling e excelente solidez das cores – superior a outras fibras do mesmo tipo.

Por estas razões os tecidos, em 100% Kermel ou em mistura com outras fibras ignífugas, são especialmente adequados para o combate ao fogo, como o comprova a opção dos Bombeiros Franceses (+200'000 operacionais) pela sua utilização.



A Penteadora, S.A. – Unhais da Serra (Covilhã)
penteadora@penteadora.pt – 275 970 100



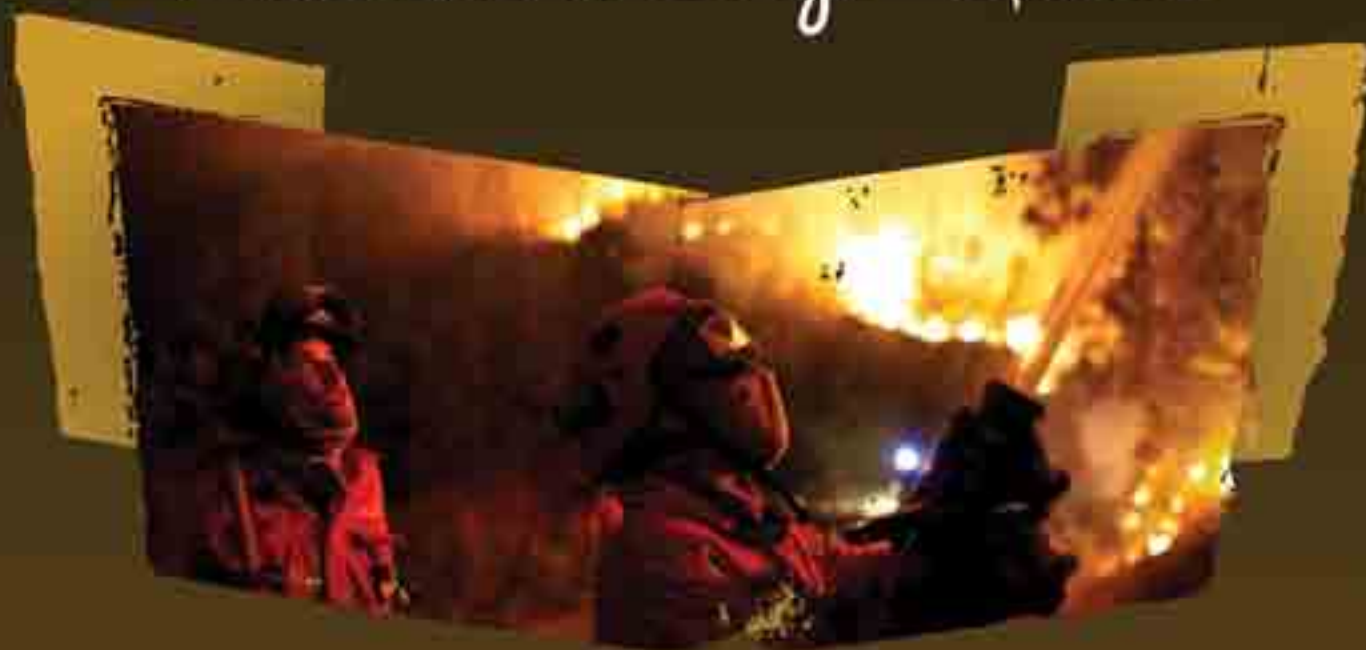
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE BOMBEIROS PROFISSIONAIS

XI Gala

de Homenagem aos Bombeiros de Portugal

Dia 24 de Maio, pelas 21h00

Cinema São Jorge - Lisboa



Apoio Institucional:



XI Gala de Homenagem aos Bombeiros Portugueses

A Associação Nacional de Bombeiros Profissionais vai promover no próximo dia 24 de Maio a XI Gala de Homenagem aos Bombeiros Portugueses, no Cinema São Jorge, pelas 21h00. Durante esta cerimónia vão ser entregues Prémios Prestígio a título póstumo aos familiares dos bombeiros que faleceram no Verão de 2013. Vão ainda ser reconhecidos com este galardão algumas individualidades que se distinguiram pelo papel que desempenharam na defesa dos bombeiros e dos seus interesses, bem como pelo apoio que prestaram às atividades da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais.

O Secretário de Estado da Administração Interna, João Pinho de Almeida, vai marcar presença nesta homenagem aos bombeiros portugueses.

A XI Gala conta com a apresentação de Nuno Graciano e de Carina Caldeira.

Entre os artistas que aceitaram participar graciosamente nesta homenagem estão a Banda do RSB, Filipe Pinto (Vencedor da 3ª edição do "Ídolos"), The Casino Royal, The Quorum Ballet, Melão, Órfeão da Câmara Municipal de Lisboa, Octávio Matos, Isabel Damatta.

Lista dos prémios prestígio 2013

1. **Major de Engenharia Carlos Monteiro** – Ex-2º Comandante do RSB – CML
2. **Coronel Joaquim Pereira Leitão** – Ex-Comandante do RSB - CML
3. **Daniel dos Santos Ramalho da Costa** – Presidente de Direção da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Condeixa-a-Nova
4. **Luís Mário Pereira Novais de Oliveira** – Presidente de Direção da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Guimarães
5. **Sebastião Seruca Emídio** – Ex-Presidente da Câmara Municipal de Loulé
6. **Susana Silva** – Ex-Diretora Nacional de Bombeiros – ANPC
7. **Filipe Lobo d'Ávila** – Ex-Secretário de Estado da Administração Interna – Ministério da Administração Interna

MEDIA

8. **Rui Araújo** – Jornalista da TVI – Reportagem "Cruel Agosto" emitida a 18/11/2013
9. **Hugo Franco** – Jornalista do EXPRESSO
10. Site **Bombeiros para Sempre**

Lista dos prémios prestígio póstumos 2013

1. **António Nuno Joaquim Ferreira** – Bombeiro 1ª Classe – Bombeiros Voluntários de Miranda do Douro – faleceu com 45 anos, a 04 de agosto de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
2. **Pedro Miguel Jesus Rodrigues** – Bombeiro 2ª Classe – Bombeiros Voluntários da Covilhã – faleceu com 40 anos, a 15 de Agosto de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
3. **Ana Rita Abreu Pereira** – Bombeira 2ª Classe – Bombeiros Voluntários de Alcabideche – faleceu com 23 anos, a 22 de agosto de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
4. **Bernardo Albuquerque de Vasconcelos Figueiredo** – Bombeiro 3ª Classe – Bombeiros Voluntários do Estoril – faleceu com 23 anos, a 27 de agosto de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
5. **Cátia Pereira Dias** – Bombeira 3ª Classe – Bombeiros Voluntários do Carregal do Sal – faleceu com 20 anos, a 29 de agosto de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
6. **Bernardo Manuel Santos Cardoso** – Bombeiro 3ª Classe – Bombeiros Voluntários do Carregal do Sal – faleceu com 19 anos, a 03 de setembro de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
7. **Fernando Manuel Sousa Reis** – Bombeiro 3ª Classe – Bombeiros Voluntários de Valença – faleceu com 50 anos, a 05 de setembro de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
8. **Daniel Alexandre Preto Falcão** – Bombeiro 2ª Classe – Bombeiros Voluntários de Bragança – faleceu com 25 anos, a 07 de setembro de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
9. **Joaquim da Silva Mendes** – Presidente da Junta de Freguesia de Queirã - faleceu com 62 anos, a 17 de setembro de 2013, vítima de queimaduras no âmbito do combate a um incêndio florestal.
10. **Luís Manuel da Cruz Monteiro** – Bombeiro 3ª Classe – Bombeiros Voluntários de Belas – faleceu com 40 anos, a 27 de outubro de 2013 durante a preparação de uma ação de instrução.

Perguntas

- 1- Como encara esta iniciativa da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais?
- 2- O que o/a levou a aceitar este convite?
- 3- O que pensa da actividade dos bombeiros em Portugal?
- 4- Na sua carreira profissional recorda-se de algum trabalho que tivesse feito junto dos bombeiros e que o/a tivesse marcado?
- 5- Fale-nos dos seus projectos para 2014.
- 6- Conte-nos uma história engraçada ou marcante da sua vida profissional.

The Casino Royal



- 1- De uma importância extrema, para os nossos soldados da paz, que combatem de uma forma ímpar contra tudo e contra todos e em clara desvantagem, não baixando no entanto os braços, mesmo com condições menos favoráveis e uma forma de os valorizar e de se confraternizar entre as diferentes entidades.
- 2- Um projeto como o “The Casino Royal” apoia sempre causas nobres, claro que não podíamos ficar indiferentes ao honroso convite em participarmos na XI Gala de Homenagem dos Bombeiros de Portugal, e tudo vamos fazer para a dignificar.
- 3- No ponto de vista pessoal, toca-nos muito o facto de pessoas que se privam de estar com as suas famílias e arriscam a sua vida em prol do bem do próximo, no ponto de vista profissional, achamos que é uma profissão em que nem sempre é reconhecido o seu mérito.
- 4- Sim. Fizemos juntamente com outras bandas um concerto para melhoramento de condições de um quartel, junto ao estúdio do nosso compositor, Pedro Janela.
- 5- Este ano vamos lançar o nosso terceiro álbum, um álbum maduro, revelador da coesão e maturidade da banda, e um trabalho que vai chegar ao nosso público em Outubro, contando mais uma vez com o apoio da nossa editora Alemã, Mole Listening Pearls, que faz a distribuição do nosso trabalho para o mundo inteiro, tais como a Índia, onde somos a banda sonora da mais importante fábrica de sapatilhas do mundo. Vai ser um ano onde vamos fazer mais uma vez toda a divulgação do nosso novo trabalho, bem como um conjunto de concertos nas mais importantes salas numa primeira fase em Portugal, e depois em Inglaterra, Alemanha, Espanha, França, Roménia e Rússia.
- 6- Quando vínhamos de um concerto na zona das Beiras de madrugada, houve um grande acidente bem perto de nós, e um senhor que saiu no carro que estava à nossa frente, que depois soubemos que era bombeiro, socorreu de uma forma singular o condutor do “automóvel” acidentado, pedindo ao nosso baterista que segurasse na mão do condutor enquanto ele lhe garrotava o braço. Uma experiência única e reveladora da frieza e destreza mental dos profissionais em momentos de tensão.

Filipe Pinto



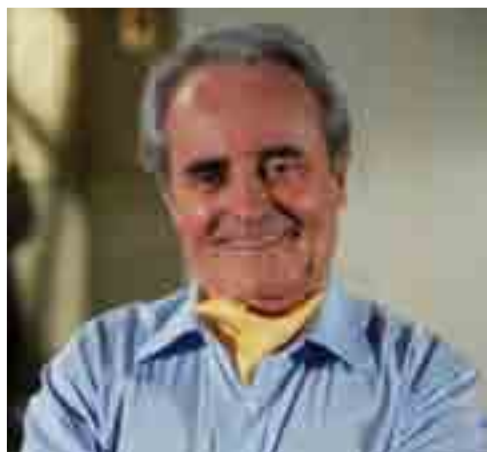
- 1- A iniciativa visa enaltecer o trabalho nobre e o esforço que todos os Bombeiros desempenham no nosso País. São iniciativas fundamentais no reconhecimento dos seus atos.
- 2- A minha ligação ao ambiente e naturalmente ao meio florestal e ao trabalho dos bombeiros em geral, justifica a minha disponibilidade para aceitar este convite.
- 3- A profissão carece de algum apoio estatal e os voluntários têm contributo essencial na sustentabilidade desta atividade.
- 4- O trabalho enquanto profissional desenvolvido no Gerês numa sensibilização conjunta com as crianças de várias escolas com ações de reflorestação.
- 5- O projeto neste momento destina-se ao público infantil com o lançamento de um Livro, um Jogo, um CD e um DVD designado O Planeta Limpo do Filipe Pinto. Inserido no circuito das eco-escolas este trabalho conjugua sessões de educação ambiental e música. Paralelamente estou a trabalhar num novo disco de originais.
- 6- Em Novembro de 2013 recebi o prémio da MTV Portugal na categoria de Best Portuguese Act tendo representado Portugal na cerimónia oficial dos MTV European Music Awards em Amesterdão, foi um momento muito significativo e marcante.

Isabel Damatta



- 1- Nunca é demais demonstrar o reconhecimento e profundo agradecimento, ao esforço e sacrifício de todos os soldados da paz.
- 2- A enorme admiração e grande sentimento de gratidão por todos os que desenvolvem este meritório trabalho, e que de forma anónima têm o objectivo de proteger, confortar e zelar pela segurança e bem-estar do próximo, pondo muitas vezes a própria Vida em risco.
- 3- É uma actividade que merece todo o reconhecimento e gratidão. São verdadeiros Heróis que salvam vidas e ajudam o próximo muitas vezes a troco de nada. É mesmo o dar tudo por tudo sem pedir retorno. É principalmente nos Bombeiros que a palavra Herói ganha todo o sentido.
- 4- Para além de já ter trabalhado em vários espectáculos em muitas das salas/pavilhões dos bombeiros, também já participei em espectáculos que tinham como objectivo obtenção de fundos para algumas cooperações.
- 5- Neste momento faço parte do elenco da Comédia “Quem é o Jeremias?” com o Actor Octávio Matos, Igor Sampaio e ainda Luis de Freitas e Rui Pereira, e espero brevemente revelar um novo projecto.
- 6- Histórias há algumas, mas neste momento “marcante” é mesmo aprender com os Bombeiros a ter a bravura para enfrentar os obstáculos é o meu lema. Acreditar no futuro é fundamental. No momento acredito e estou grata por existirem os Bombeiros de Portugal que conseguem ir sempre mais longe com uma enorme coragem, altruísmo e dedicação.

Octávio Matos



- 1- Muitíssimo justa e merecida.
- 2- Porque sempre fui e serei solidário com todas as iniciativas que envolvam os bombeiros.
- 3- Devia de ser muito mais apoiada e reconhecida.
- 4- Durante a minha carreira profissional que fez em Abril 58 anos, foram muitas as vezes que colaborei com iniciativas a favor dos Bombeiros e espero continuar a fazê-lo sempre que para isso for solicitado. Como curiosidade numa novela tive o prazer de desempenhar uma personagem que era uma bombeiro.
- 5- Estou em digressão por Portugal Continental e Ilhas com a Divertida Comédia “Quem é o Jeremias?”. Num País “deprimido” tento contribuir para que o povo, para quem trabalho e são a razão de toda a minha carreira, não perca a capacidade de rir. Rir é mesmo o melhor remédio para superar o desalento e tristeza.
- 6- São tantas que é difícil escolher uma. Comecei a pisar o palco com 4 anos e nunca mais parei. A 20 de Abril de 1956 estreei como profissional, por isso muitas são as histórias que poderia contar, por isso prefiro deixar-vos imaginar...

Melão



- 1- Acho que deveria de haver mais iniciativas destas.
- 2- A vontade de ajudar e o meu sentimento altruísta.
- 3- Os bombeiros são necessários, apenas acho que podiam estar mais bem equipados e ser-lhes dada a atenção devida, por quem de direito.
- 4- Nada em particular
- 5- Espetáculos.
- 6- São tantas, principalmente do tempo do Excesso, que não saberia por onde começar....

Quorum Ballet



- 1- É uma iniciativa francamente louvável. Ainda mais depois da quantidade “anormal” de vidas perdidas no combate a incêndios no passado Verão.
 - 2- O facto de alguém como um bombeiro, colocar a vida dos outros à frente da sua. Um profissional assim, que salva tantas vidas é alguém que merece a homenagem de todos nós. É a nossa forma de dizer “muito obrigada”
 - 3- É essencial. Em Portugal, somos todos os anos afetados pelos fogos e nessas alturas dezenas de bombeiros são chamados para os combater.
 - As suas condições de trabalho devem ser revistas e adaptadas ao que lhes é exigido diariamente no exercício da sua profissão. Deviam ter acesso a mais meios
 - 4- Não, não tive essa oportunidade.
 - 5- Para 2014/2015 temos uma serie de projetos e novas criações a serem desenvolvidas, incluindo a mais recente criação intitulada “NOUS – Inner Perception” Vamos continuar a trabalhar intensamente a nível internacional com os bailados LAGO DOS CISNES e CORRER O FADO com digressões marcadas na Dinamarca, China, Rússia, Equador, Colômbia, Finlândia, entre outros.
 - 6- Ao longo de quase vinte anos de carreira, tenho imensas histórias marcantes e alguns episódios engraçados.... Mas penso que uma recente experiência foi uma das que mais me marcou até hoje! Não tem nada de engraçado mas muito marcante para mim!
- Quorum Ballet na China no Shangai Oriental Arts Center, sala de 1200 lugares esgotada para ver o LAGO DOS CISNES! Meia hora antes do espetáculo começar surgiu um problema com o sistema de comunicação da sala e a nossa equipa técnica não tinha forma de comunicar entre o palco e a “reggie”. (nesta peça é imprescindível a comunicação tendo em conta as imensas movimentações de palco). Na equipa técnica da sala não havia ninguém que falasse Inglês durante o espetáculo! Não poderíamos contar com o pessoal da sala para a realização do espetáculo.... Uma peça que têm vídeo, som, vídeo e movimentação de cena em tempo real! A solução.... o espetáculo ser feito somente com a nossa equipa técnica e produção, sem podermos contar com ninguém da sala, o que é um risco enorme... ou era isso ou cancelar o espetáculo depois de 1 ano e meio de preparação! Resultado... um grande sucesso! Esta experiência foi especialmente marcante porque são estes momentos que colocamos à prova tudo o que temos vindo a trabalhar ao longo dos anos, foi um orgulho... todo o “quorum” a trabalhar em equipa e a resolver o problema tanto a nível artístico como técnico.



João Afonso
Departamento de
Formação ANBP



Formação em Topografia

A Topografia, (do grego TOPOS (lugar) + GRAFIA (descrição)) ocupava-se tradicionalmente da representação plana de regiões pouco extensas da superfície terrestre. A representação de uma zona restrita simplifica os problemas decorrentes de representação causadas pela curvatura da superfície terrestre. Contudo a representação de zonas vizinhas e contínuas deve ser compatível, pelo menos no âmbito geográfico dum país, o que tem como consequência a necessidade de utilizar uma representação cartográfica que não pode ignorar o facto da superfície terrestre ser curva. A representação da superfície terrestre pode ser planimétrica e altimétrica, sendo a planimetria relativa à representação bidimensional da posição dos pontos no plano da carta e a altimetria relativa à representação da distância vertical dos pontos a uma superfície de referência, o que permite fazer a representação do relevo.

A operação de recolha de informa-

ção necessária para a elaboração de uma planta ou carta topográfica de uma região é designada por levantamento topográfico. Os levantamentos topográficos podem ser executados utilizando:

- Os métodos clássicos da Topografia, que se baseiam fundamen-

talmente na medição de ângulos e distâncias recorrendo a instrumentos tais como teodolitos, níveis e distanciómetros;

- Métodos fotogramétricos, sendo a informação obtida a partir de fotografias aéreas métricas, ou imagens numéricas multiespectrais recolhidas



Grupo 1 – A delinear a estratégia

por sensores instalados em satélites artificiais da Terra;

- O Sistema de Posicionamento Global, mais conhecido por GPS, que utiliza receptores dos sinais emitidos pelos satélites da constelação GPS, permitindo a determinação precisa das coordenadas dos locais onde as antenas dos receptores são colocadas.

Assim a ANBP/4EMES, realizou, entre outras, uma ação de formação com formandos dos Bombeiros Voluntários da Golegã e dos Bombeiros Voluntários de Constância, inserido no referencial de técnico de Proteção Civil a UFCD 4445 – Topografia, inseridas no projeto de formação, co-financiado pelo Estado Português e pela Comunidade Europeia, POPH – Programa Operacional Potencial Humano, dirigido a Bombeiros e a agentes de proteção civil das autarquias, com o intuito de reforçar as competências e a melhorar continuamente os seus conteúdos funcionais. Os principais objetivos dos exercícios práticos visa a formação individual e passam por capacitar e aumentar a experiência das equipas operacionais para o desempenho da sua função em âmbito de emergência e aumentar a capacidade de organização para a gestão de situações de emergência.

O objetivo principal foi os formandos aplicarem os conceitos teóricos, saber-saber, com os conceitos operacionais, saber-fazer. Foram constituídos dois grupos, tendo os mesmo sido colocados em locais distintos e desconhecidos. Os formandos em seu poder possuíam uma bússola e uma carta militar que correspondia ao terreno onde se encontravam localizados.

No desenrolar do exercício os formandos tiveram de se orientar pela bússola em conjunto com a carta topográfica com o intuito de chegar ao ponto que lhes tinha sido destinado.



Grupo 2 – A delinear a estratégia



Pub

JACINTO

LÍDERES EM VEÍCULOS DE COMBATE A INCÊNDIOS

Jacinto Marques de Oliveira, Sucrs. Lda
 Av. dos Comandos, 99 - Alameda 41
 1990 - 1991 Coimbra - Portugal
 Filial: Alameda, Rua do Campo Grande, 132 144
 1990 - 130 Lisboa
 Tel: (351) 244 710 300 / Fax: (351) 244 710 400
 Email: jacinto@jacinto.com
www.jacinto-lda.com

Técnico



João Rodrigues dos Santos
Universidade Europeia | Laureate
International Universities

Políticas de Gestão e Ordenamento do Território, Riscos e Técnicos Superiores de Segurança e Proteção Civil

A

s políticas no âmbito da gestão territorial deverão assumir, necessariamente, a responsabilidade de um exercício de ordenamento e planeamento do território centrado na eliminação e mitigação

dos riscos naturais, misto e tecnológicos. Verificando-se na realidade, este imperativo traduzir-se-á na salvaguarda da segurança dos diversos elementos expostos (cidadãos, sistemas ambiental, produtivo e económico). A abordagem integrada das dimensões “ordenamento do território” e “prevenção e gestão do risco”, desenvolvida com a participação de Técnicos Superiores de Segurança e proteção Civil, constituir-se-á como determinante para a consolidação de uma estratégia de prevenção realmente eficaz. Sendo considerada, em contexto de elaboração de instrumentos de gestão territorial (Planos Diretores Municipais, Planos Regionais de Ordenamento do Território, etc.), a articulação ponderada entre os diferentes usos e ocupações do solo e as suscetibilidades naturais do território, tenderá a

diminuir, consequentemente, a frequência das ocorrências e a sua severidade para os elementos expostos.

A real equação dos riscos, no âmbito das políticas de gestão e ordenamento do território, verificar-se-á, apenas, como produto de uma abordagem multidisciplinar abrangente e integrada, ou seja, resultante do somatório ponderado das sínteses dos estudos de natureza setorial. Para o cumprimento deste pressuposto, a integração do processo de ponderação dos riscos na prática do ordenamento e planeamento do território, exigirá, inevitavelmente, uma cooperação concertada entre as diversas áreas técnicas responsáveis pelo ordenamento, planeamento e gestão territorial (Economia, Geografia, Geologia, Biologia, Engenharias diversas, Segurança e

Proteção Civil, etc.).

É, assim, neste contexto, constata-se a premência da análise setorial dos diversos riscos que, conduzida de modo articulado com os demais segmentos de intervenção territorial, contribuirá, decisivamente, para o estabelecimento de um modelo de organização do território nacional sustentável e minimizador de áreas de risco. Esta área de conhecimento setorial e especializado, que se enquadra, exclusivamente, nas competências dos Técnicos Superiores de Segurança e Proteção Civil, configura-se, então, como necessária para a eficaz e real ponderação do conjunto integral de especificidades técnicas em torno da gestão preventiva do Risco.

Realça-se, então, a este propósito, que a integração de Técnicos Superiores de Segurança e Proteção Civil nas equipas responsáveis pela elaboração dos diferentes planos de ordenamento do território resultará em alterações aos modelos de organização territorial potencialmente estabelecidos sem a sua participação. Realisticamente, o valor da ponderação a atribuir à importância de um Técnico Superior de Segurança e Proteção Civil no processo de programação de um qualquer tipo de uso do solo para uma determinada área do território, é de aferição subjetiva. Contudo, sendo o risco uma variável em equação desde o início do processo de planeamento, em articulação com as “tradicionais” áreas técnico-científicas, verificar-se-á, logicamente, a alteração de alguns dos demais pressupostos setoriais e isso, por conseguinte, determinará a conceção de um modelo de organização territorial distinto daquele que, em teoria, viria a ser produzido.

Por exemplo, no âmbito da segurança, a programação de uma área urbanizável para uma área territorial estruturalmente inadequada, tenderá a potenciar o fenómeno da criminalidade generalizada. Numa perspetiva diferenciada, o planeamento de um equipamento com intervenção na gestão da emergência para uma zona suscetível à ocorrência de um evento natural, misto ou tecnológico, promoverá o aumento da probabilidade de inoperacionalidade no âmbito das operações de emergência e socorro. Já num contexto estritamente regulamentar, a circunstância de ser condicionada

a circulação de transporte de mercadorias perigosas em áreas densamente urbanizadas, nos termos do regulamento de um plano diretor municipal (PDM), diminuirá, manifestamente, a probabilidade de verificação do risco para os diferentes elementos expostos.

Concluindo, a lógica que enquadra os três exemplos expostos no parágrafo anterior, alargada às muitas e especifi-

cas variáveis temáticas articuladamente ponderadas no âmbito do planeamento e ordenamento do território, reforça a perceção da natureza complexa do processo de abordagem ao risco e consolida a teoria da indispensabilidade de inclusão de Técnicos Superiores em Segurança e Proteção Civil nas equipas técnicas responsáveis pela elaboração ou revisão de instrumentos de gestão territorial.

Pub



Mais do que um aluguer,
uma experiência.

A Europcar, empresa de rent-a-car líder em Portugal e na Europa, orgulha-se de prestar um serviço de excelência e qualidade. Tudo o que precisa para uma experiência única ao volante dos nossos veículos.

Faça a sua reserva de carro online através do 219 407 790 ou em europcar.pt



ASSINE JÁ!



ALTO RISCO

cupão de assinatura
(este cupão pode ser fotocopiado)

Nome: _____ Morada: _____ Código Postal: _____ Profissão: _____ Telefone: _____ Tim: _____ Email: _____	ESCOLHA O MODO DE PAGAMENTO:
Desejo a Assinatura Anual de : ☐ Revista Alto Risco - 10 euros ☐ Jornal Alto Risco - 8 euros	Cheque n.º _____ no valor de: _____ Banco: _____
✂ Enviar Cheque ou Vale de Correio para: Associação Nacional de Bombeiros Profissionais Av. Dom Carlos I, 89, 1/c - 1200 Lisboa	Vale postal n.º _____ no valor de: _____



A renovar o futuro

Parte do seu mundo. Parte de si.

Desde 1929 que estamos presentes na sua vida. Ao longo de 85 anos, desempenhámos um papel ativo no progresso e desenvolvimento do país.

Colocamos ao serviço dos portugueses as soluções mais inovadoras e sustentáveis do mercado, garantindo mais conforto e qualidade de vida ao dia-a-dia de todos.

Hoje, como ontem, olhamos em frente com mais energia e a ambição de continuarmos a fazer parte do seu mundo.

1929
2014

BP Portugal
Há 85 anos a renovar o futuro



www.bp.pt

Segurança garantida.
CONSEQUENTEMENTE EFICIENTE.



Sempre prontos para socorrer.

Os fiáveis veículos MAN de combate a incêndios ou intervenção rápida, em desastres ou catástrofes, acompanham os bombeiros em situações de emergência e estão sempre preparados para entrar em ação. É de entender que nos meses de Abril, Maio, Outubro e Novembro, as condições comerciais oferecidas

pelos concessionários MAN aderentes são ainda mais qualitativas: oferecem 15% de desconto na mão-de-obra e 20% de desconto nas peças para este tipo de veículos. Não perca esta oportunidade e visite já o concessionário MAN mais próximo!

Engineering the Future – since 1758.
MAN Truck & Bus

